

A Via e a Pátria: Jesus Cristo na conversão de Santo Agostinho

SUMÁRIO:

No presente estudo queremos mostrar para lá dos diversos momentos ou “conversões” de S. Agostinho, O fio e motivo condutores que configuram toda a vida do filho de Mónica que, de sua mãe recebeu tudo o que, mais tarde, veio a reconhecer. De facto, o percurso *inquieto* de Agostinho só se explica, conforme o próprio nos *confessa*, como um *caminho* para a *pátria* que o Hiponense acabou por identificar com Cristo. Essa pátria já estava, contudo, presente desde que o sempre “cristão” Agostinho recebeu “com o leite de sua mãe” o nome de Jesus.

PALAVRAS CHAVE: S. Agostinho, Confissões, Conversão, *cor inquietum*, Jesus Cristo-Via-Pátria

SUMMARY:

In the present study, we want to show how, beyond the different moments or “conversions” of St. Augustine, there is a thread and a motive that shape the whole life of the son of Monica, who received from his mother everything that he later came to recognise. In fact, Augustine’s restless journey can only be explained, as he himself confesses, as a journey towards the homeland that Augustine ultimately identified with Christ. This homeland (*patria*), however, was already present when the ever “Christian” Augustine received “with his mother’s milk” the name of Jesus.

KEYWORDS: St. Augustine, Confessions, Conversion, *cor inquietum*, Jesus Christ-Via-Patria

«Christus via Christus patria»

(*Sermão 375C*, 4)

«Qual dos meus escritos mais se difundiu e foi lido com maior gosto que os livros das minhas *Confissões*?»

(S. Agostinho, *De dono perseverantiae*, 20,53).

A partir dos finais do século XIX, alguns estudiosos de S. Agostinho, confrontando as *Confissões* com os seus primeiros *Diálogos* (obras redigidas muitos anos antes) começaram a questionar-se sobre o significado da sua conversão: converteu-se o filho de Mónica realmente ao cristianismo e à fé da Igreja? ou converteu-se primeiro ao neoplatonismo e só, progressivamente, foi passando do itálico platónico ao Verbo feito carne, ou do deus dos filósofos à fé da Igreja? Ou, como defendem ainda outros, ficou sempre platónico, mesmo depois de batizado?

Sabemos que toda a vida do Hiponense será determinada por uma honestíssima procura da verdade coincidente com a *beatitudo* ou vida feliz. Toda a sua vida e obra giram à volta destes dois verbos: “procurar-encontrar” (*quaerens-inveniens*). Foi porventura o maior buscador de Deus do mundo antigo. Busca-o por toda a parte: fora, acima e abaixo, dentro de si. Esta procura motivada pelo desejo de compreender o mistério profundo do homem (cf. *Conf.* IV,14,22) está paradigmaticamente exposta nas suas *Confissões*, obra em que retrata a sua e a nossa aventura de seres demandantes. Mas é especialmente neste livro que melhor percebemos que o filho de Mónica não é apenas mais um buscador de Deus. Como o próprio *confessa*, a sua aventura intelectual é sobretudo uma busca de Cristo, enquanto “via”, “bussola” e “porto” de todas as buscas humanas.

Nesta circunstância em que gratamente queremos homenagear D. Paulo Evaristo Arns, um pastor que muito nos faz lembrar S. Agostinho, mostrando como a conversão do jovem hiponense é um cami-

nho ou, pelo menos, um ponto de chegada marcado e pautado preponderantemente por um motivo e fio condutor: Jesus Cristo ¹.

Filho de pai pagão e de uma mãe convictamente cristã, o jovem Agostinho é, sobretudo no que toca à sua sensibilidade religiosa, marcado por sua mãe e por uma outra “mãe” que, nos bons e maus momentos, Mônica lhe faz lembrar a toda a hora: a Igreja (cf. *Conf.* I,11).

A sensibilidade delicada do jovem de Tagaste a qual, associada ao singular gênio intelectual, fazem dele uma pessoa particularmente sensível às relações humanas e assumidamente influenciável. Agostinho nunca quis ser um intelectual de gabinete ou gênio investigador solitário, nem sequer uma espécie de anacoreta à procura da sabedoria. O seu caminho de busca inquieta coincide com muitas amizades e encontros de afectos, partilhas de vida e ideias, consultas e conselhos escutados, diálogos de aprofundamento e discernimento. Romaniano (amigo de infância); Nebrídio, (“dulcíssimo amigo”), Alípio (“amigo fraterno”), são apenas algumas dessas relações mais influentes no percurso de Agostinho. Desde a experiência de Cassiciaco até ao cenóbio que instituiu para viver, já como clérigo, sempre entre “amigos”, comprova o que confessa nas suas *Confissões*: «Não se pode viver feliz sem amigos» (*nec esse sine amicis poteram beatus*) (*Conf.* VI,16,26).

Ora, a primeira e provavelmente a mais determinante dessas relações foi a que, desde o berço, estabeleceu com sua mãe. É a ela que Agostinho deve essa bussola que o conduzirá toda a vida, mesmo quando parece ter perdido todo o rumo e pouco mais restar que um nome: Jesus Cristo.

«Ainda menino - recorda ele - eu ouvira falar da vida eterna que nos foi prometida na senda da humildade de Deus nosso Senhor, que desceu à nossa soberba; e já então era eu persignado com o sinal da cruz, e recebia o condimento do teu sal ² já desde o ventre de minha mãe, que muito esperou em ti» (*Conf.* I,11,17).

1 Cf. REMY, G., *Le Christ Médiateur dans l'œuvre de saint Augustin*, Paris 1979, 71.

2 Referência aos ritos do catecumenato: ser persignado com o sinal da cruz, tomar o sal consagrado, receber a imposição das mãos dos ministros da Igreja.

O filho de Mónica jamais fará tábua rasa deste legado de sua mãe. Embora a sua opinião acerca de Cristo esteja longe do que implicava a fé da Igreja, nunca se eclipsou nele uma certa ideia e apreço por Cristo, ao ponto de nutrir a permanente nostalgia pelo seu *Nome*. E quando, aos dezoito anos, pela leitura do *Hortênsio* de Cícero, se reacendeu nele o entusiasmo pela sabedoria, só uma coisa refriou tal conversão: o facto de não encontrar aí o nome de Cristo.

A leitura dessa exortação ciceroniana à filosofia assinala, de facto, o primeiro passo da conversão, ao acender-se no seu coração um amor pela verdade que nunca mais se apagou. Acaba de descobrir a “filosofia”, mas continuará à procura da “*sophia*”. Já não o sacia o aplauso da fama, mas também não lhe basta uma “filosofia” qualquer. O amor que se acendeu em seu coração não encontrava saciedade em qualquer escola: «era levado a amar, a procurar e a alcançar, a agarrar e a abraçar com força, não esta ou aquela escola, mas a própria sabedoria, qualquer que ela fosse; e eu inflamava-me e ardia de desejo» (III,4,8). Apenas uma coisa o dececionou, na obra de Cícero:

«Só uma coisa me desalentava, é que o nome de Cristo não estava lá, porque este nome, segundo a tua misericórdia, Senhor, este nome do meu Salvador, teu filho, tinha-o piedosamente bebido o meu tenro coração com o leite de minha mãe, e o retinha no mais profundo de si, e tudo aquilo que houvesse sem este nome, embora douto, polido e verídico, não arrebatava todo o meu ser» (*Conf.* III,4,8).

Ficamos então, desde já, cientes de que o jovem de Tagaste procura o que já recebera e só por isso procura: esse Cristo, que “bebera com o leite de sua mãe”; esse *Nome* que “conservava no mais profundo do seu coração”.

A procura ou conversão de Agostinho não é senão um caminho de reencontro em profundidade com a fé “nutrida” por Mónica no seu coração de criança e no centro dessa fé está Cristo.

As *Confissões* narram-nos essa aventura de uma criança que cresceu depressa e de um jovem que, educado na fé católica desde a sua infância, exigia muito mais que a fé dos *simpliciores*. Chegado à idade adolescente e juvenil, deixou-se, por isso, convencer mais pela cultura

pagã de seu pai e pela escola que frequentou com sucesso (mesmo quando sofredamente), do que pela verdade ensinada por suas mães Mônica e Igreja.

Num primeiro momento, porém, a Igreja católica personificada na figura de Mônica apresentava-se-lhe mais como obstáculo do que enquanto via para chegar ao “porto”. Durante 9 anos preferiu, por isso, outra “igreja” que lhe prometia um atalho mais direto para a verdade que sequiosamente buscava³. Será preciso chegar a Milão (383) e conhecer o bispo Ambrósio para redescobrir a Igreja de Cristo e o Cristo da Igreja.

Só então terá condições para retemperar o seu entusiasmo racionalista, e superar uma série de preconceitos anti-católicos⁴ (que o levaram a abraçar a seita de Mani), e a redescobrir o verdadeiro significado da *auctoritas* católica. Ainda assim, quando se viu desembaraçado do maniqueísmo, reconhecerá que, no seu coração, «permanecia solidamente firme a fé de Cristo nosso Senhor e Salvador», ensinada pela Igreja (*Conf.* VII,5,7).

Por outro lado, sabemos que uma das razões que o levaram à deriva maniqueia teve a ver com o facto de também os Maniqueus falarem “com abundância” desse nome de Jesus Cristo “que continuava a habitar seu coração”:

«E, assim, caí nas mãos de uns homens orgulhosamente tresvariados, extremamente carnaís, e palradores, em cujas bocas estavam os laços do diabo e um visco amassado com uma mistura das sílabas do teu nome e do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, nosso Paráclito Consolador. Estes nomes não se afastavam da sua boca, mas só com o som e o ruído da língua» (*Conf.* III,6,10).

Enganado pelo “ruído das palavras” e iludido pela promessa de “verdade”, o filho de Mônica permaneceu longe da fé materna ao longo de 9 anos, durante os quais se agravaram os preconceitos contra a fé católica, que o impediam, nomeadamente, de conceber a verdade

3 Cf. *De libero arbitrio*, II,14,38.

4 Cf. *De beata vita*, I,4.

como coincidente com o Verbo Jesus Cristo. Um desses preconceitos relacionava-se com a visão materialista da realidade, inclusive da realidade divina e a noção de *mal*, entendido como substância e princípio ontológico oposto ao bem (cf. *Conf.* IV,15,25): «Não conseguia pensar uma substância diferente daquelas que se vêem habitualmente com os olhos» (*Conf.* VII,1,1; cf. V,10,19-20). Em tal estado de ânimo e intelecto, todas as tentativas de aproximação à fé católica iam sendo adiadas: «Como o meu espírito se esforçasse por recorrer à fé católica, era rechaçado, porque a fé católica não era o que eu pensava ser» (*Conf.* III,10,20).

Desde os seus estudos em Cartago, aprendera com os Maniqueus a conceber Cristo como um ser totalmente espiritual, mas não verdadeiramente humano, e menos ainda nascido de uma Virgem. O dualismo maniqueu era incompatível com a doutrina cristã da encarnação do Verbo:

«E julgava que o nosso Salvador, teu Unigénito, emanava, como de uma massa... E assim julgava que a sua natureza não podia nascer, como nasceu, da Virgem Maria, se não se misturasse com o corpo... Receava crer que tinha nascido na carne, para não ser forçado a crer que tinha sido inquinado pela carne. Agora os teus fiéis espirituais com brandura e caridade rir-se-ão de mim, se lerem estas minhas confissões» (*Conf.* V,10,20).

Mas o caso não era para rir. Pelo menos para sua mãe, Mónica, que chorou grossas lágrimas ao ver o filho transviado da fé da Igreja durante demasiado tempo.

Já em Milão, e sob a benfazeja pregação do bispo Ambrósio, começa a superar os já referidos preconceitos, e a afastar-se da seita de Mani, para frequentar os “filósofos da Academia” que professavam o ceticismo sistemático. Mas também neste caso, Agostinho não se lhes entrega de alma e coração, e pela razão que já adivinhamos: «Toda-via, recusava-me absolutamente a confiar a cura da doença da minha alma a esses filósofos, porque não existia neles o nome salvador de Cristo» (*Conf.* V,14,25). Ainda algo hesitante, entre a «via católica que não lhe parecia vencida nem ainda como vencedora», decide inscrever-se «no catecumenato, na Igreja Católica, segundo a tradição de

meus pais, até que alguma certeza brilhasse, para onde eu dirigisse os meus passos» (*Ibid.*).

Agostinho regressa à “tradição dos pais”, à fé batismal da mãe Igreja. Agora estava pelo menos certo de que a *Mater*⁵ da qual se afastou por recusar a “autoridade”, longe de ensinar “coisas infantis”, como acusavam os maniqueus, era a verdadeira mestra da verdade. Por isso, não tem que envergonhar-se da fé ensinada no berço, por Mônica e pela Igreja, fé essa que tem o nome de Cristo como pedra angular: «E assim me envergonhava, e arrependia, e me alegrava, meu Deus, porque a tua Igreja, única, corpo do teu filho único, na qual me foi inculcado em criança o nome de Cristo» (*Conf.* VI,4,5).

Uma vez liberto do maniqueísmo, e ainda empenhado em acesas lutas com problemas metafísicos sobre o modo de conceber Deus, a sua confiança e adesão à Igreja vai coincidir com o reencontro com o Cristo da fé e o *credo* da Igreja católica:

«Mas não me permitias que, por nenhum turbilhão do pensamento, fosse arrancado à fé, graças à qual eu acreditava que tu existes, que a tua substância é imutável, que cuidas dos homens e os julgas, e que em Cristo, teu Filho, nosso Senhor, e nas Santas Escrituras, que a autoridade da tua Igreja católica reconhece (*Ecclesiae tuae catholicae commendaret auctoritas*), tu colocaste o caminho da salvação humana (*viam salutis humanae*), em direção àquela vida que depois desta morte há de vir» (*Conf.* VII,7,11).

Cristo é o *Caminho-Via*! Esta descoberta é decisiva no itinerário do filho e Mônica. A famosa “busca inquieta” de Agostinho fica des-enquadrada se ignorarmos o papel fundamental atribuído a Cristo mediador, ou o Verbo feito carne, “caminho verdade e vida”. Num dos seus *sermões* explica-se assim: «Deus Cristo é a pátria para onde

5 Um dos termos preferidos por Agostinho para falar da Igreja, cf. *Confissões*, I,11: «Vistes Senhor, que sendo ainda criança, sobrevivendo-me, certo dia uma febre alta motivada por uma opressão do estômago, bati às portas da morte. Sabeis, meu Deus, pois já então por mim veláveis, com que ardor e fé pedi à piedade de minha mãe e de nossa mãe comum – a Tua Igreja– (*flagitavi a pietate matris meae et matris omnium nostrum, ecclesiae tuae*) o batismo de Cristo, Deus e Senhor meu». Cf. LANZI, N., *La Chiesa Madre in Sant’ Agostino*, Pisa 1994.

vamos; o homem Cristo é o cominho pelo qual vamos»⁶. A via de acesso à tão buscada *beata vita* é Cristo. A conversão de Agostinho consistiu sobretudo no reconhecimento desta verdade teológica e existencial.

Na atribulada busca, faltou-lhe quase sempre “a força” de alguém que deixou de se “alimentar” com a sabedoria daquele que lhe dizia: “Eu sou o caminho”. Era cristão desde menino, mas nunca se encontrara com Cristo, a Palavra encarnada do Mediador:

«E procurava o caminho (*et quaerebam viam*) para adquirir força que fosse conveniente para eu fruir de ti, e não encontrava, enquanto não abraçasse o mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus... o qual me chamava e dizia: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14,6), e o alimento, que eu era incapaz de tomar, misturado à carne, porque *o Verbo se fez carne* (Jo 1,14), para que a tua sabedoria... amamentasse a nossa infância» (*Conf.* VII,18, 24).

Já em Milão, a leitura dos *Livros neoplatônicos* (Plotino, Porfírio) ajudou-o a superar o referido obstáculo relativo à encarnação do Verbo e o seu nascimento virginal (cf. *Conf.* VIII,3; VII,9,13). Nestes livros o Doutor da Graça encontrou escrito que o Verbo-Logos não vem da carne, bem como a base filosófica para a doutrina da pré-existência do Verbo. Mas descobriu, também os limites destes filósofos que o levaram a imaginar Jesus à maneira de um sábio neoplatônico ideal, nem realmente divino, nem verdadeiramente homem. No livro VII das *Confissões*, expõe, com a consueta beleza literária, essa diferença qualitativa entre o *Lógos* platônico e o *Lógos* encarnado em Jesus Cristo, usando o paralelismo antitético: *ibi legi... non ibi legi*.

6 *Sermão* 123,3. Cf. *Sermão* 375 C,4; *Sermão* 313F,3; MADEC, G., *La Patrie et la Voi. Le Christ dans la vie et la pensée de Saint Augustin*, Paris 1980, 43-45.

ibi legi...**non ibi legi...**

«E aí li... no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e Deus era o Verbo: este estava, no princípio, junto de Deus; todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada foi feito...» (*Conf. VII,9,13*).

Aí li: que o Verbo, Deus, não nasceu da carne, nem do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas sim de Deus;

Indaguei, realmente, naqueles textos, dito de várias maneiras e de muitos modos, que o Filho, na forma do Pai, não considerou rapina ser igual a Deus, porque, por natureza, é isso mesmo (*Conf. VII,IX,14*)

Mas que, antes de todos os tempos e acima de todos os tempos, permanece imutavelmente teu Filho unigênito, co-eterno contigo, e que da sua plenitude recebem as almas o serem felizes, e que, pela participação da sabedoria, que permanece nela, são renovadas, para que sejam sábias: isso está lá.

«Mas que *veio para o que era seu e os seus não o receberam, e que a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, a eles que creem no seu nome (Jo 1,11-12)*, isso não o li eu aí.

... mas que o *Verbo se fez carne e habitou em nós (Jo 1,14)*, não o li eu aí.

... mas que *se aniquilou a si mesmo tomando a forma de escravo, feito à semelhança dos homens e tido como homem pela aparência, humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, e morte na cruz: por isso Deus o exaltou dos mortos e deu-lhe um nome, que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho dos seres celestes, terrestres e infernais, e toda a língua confesse que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai (Fl 2,9-11)*: isso não o dizem aqueles livros.

... mas que, *no tempo previsto, morreu pelos ímpios (Rm 5,6)* e que não poupaste o teu único Filho, mas por nós todos o entregaste: isso não está lá.

O Verbo de Deus, ao fazer-se carne, torna-se o caminho a seguir e “método” a aprender para alcançar a sabedoria «escondida aos sábios e revelada aos pequeninos, para que viessem até Ele os que sofrem e os que estão sobrecarregados, e Ele os aliviasse, porque é manso e humilde de coração». A estes Ele «dirigirá e ensinará os seus

caminhos» (*Conf.* VII,9,14). Agostinho sabe do que fala quando à via da humildade contrapõe “os ensoberbecidos, que não o ouvem dizer: *Aprende de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para as vossas almas*» (Mt 11,29). (*Ibid.*).

Ao insistir na presunção e “orgulho dos filósofos”, o Hiponense não está a condenar a filosofia, mas um certo paganismo e formas de gnose já denunciados por S. Paulo, (cf. Rm 1,22: *Dicentes se esse sapientes, stulti facti sunt*) que reduziam a sabedoria ao racionalismo gnóstico. O orgulho visado consiste “na *gnosis* que incha” em vez de “edificar pela caridade” (1Cor 8,1), e, por isso, acaba por bloquear o próprio progresso no amor à Sabedoria.

Neste contexto, Agostinho reconhece que o platonismo o ajudou a regressar à fé cristológica da Igreja, mas nunca seria suficiente por lhe faltar a *via humilitatis* manifestada no “humilde Jesus” (*Conf.* VIII,18,24: «*non enim tenebam Deum meum Iesum humilis humilem*»).

O mistério do Verbo feito carne constitui, de facto, o ponto de viragem na sua busca inquieta: «*Et quaerebam viam... nec inveniebam, donec amplecterer mediatorem Dei et hominum, hominem Christum Iesum... vocantem et dicentem: Ego sum via et veritas et vita*» (*Conf.* VII,18,24).

Quando redige o diálogo *Contra academicos*, primeira obra agostiniana (já que o *De pulchro et apto*, se perdeu), a parábola (geométrica e bíblica-filho pródigo) está quase a completar-se. Uma vez rendido à resiliente influência de sua mãe e à eloquência de Ambrósio, e decidido a retomar a fé “materna” da sua infância, abandonando definitivamente o Maniqueísmo bem como o semi-ceticismo da Nova Academia, o jovem de Tagaste assinala a passagem do platonismo e demais correntes filosóficas («após muitos séculos e muitas controvérsias») para a «verdadeira filosofia que se lhe apresenta em toda a sua clareza: não a filosofia deste mundo... mas a do outro mundo inteligível, à qual a especulação da razão não poderia ter conduzido as almas..., se o Sumo Deus, descendo com a sua misericórdia ao seio do povo, não se tivesse humilhado e abaixado ao ponto de assumir o corpo humano do Verbo divino, para que, estimuladas com seu pre-

ceitos e sobretudo com o seu exemplo, as almas pudessem, sem lutas nem disputas, entrar em si mesmas e volver o olhar para a pátria»⁷.

Os filósofos antigos são, segundo o autor das *Confissões*, comparáveis a Moisés: vêm a terra prometida, mas não lhes é concedido entrar e tomar posse dela. Para o jovem de Tagaste é agora claro: a única *via* para chegar à verdade e *beatitudo* consiste em sujeitar a própria inteligência a Cristo. Uma vez dado este passo, depressa perceberá que, afinal, a busca e fruição da verdade requer a colaboração da fé e da razão⁸.

Em 386, na vigília da sua conversão, Agostinho encontra-se na posse de uma justa compreensão tanto da humanidade como da divindade do Verbo, mas a sua cristologia mantinha-se ainda no quadro dos esquemas platônicos (cf. *Conf.* VII,19,25). Ao lado de Deus supremo e único, encontra-se o *Lógos* eterno, saído d'Ele e co-criador do mundo. Quanto a Jesus, superado o dualismo maniqueu, concebe-o agora na sua dimensão verdadeiramente humana, dotado de corpo e alma humana (verdade que nunca pôs em dúvida devido aos relatos evangélicos, ao contrário de Alípio (cf. *Conf.* VII,19,25). É um homem admirável pela sua sabedoria, justamente chamado Cristo e pode mesmo aceitar-se que nasceu duma Virgem, milagre que sublinha o ideal de desprezo das coisas terrenas.

7 *Contra Academicos*, II,19,42. Mais tarde dirá, pregando aos fiéis de Hipona: «Homem verdadeiro, Deus verdadeiro. O Cristo completo é Deus e homem. Esta é a fé católica (*Homo verus, Deus verus: Deus et homo totus Christus. Haec est Catholica fides*). Quem nega que Cristo é Deus, é Fotiniano. Quem nega que Cristo é homem, é Maniqueu. Quem confessa que Cristo é Deus igual ao Pai e homem verdadeiro, que verdadeiramente padeceu, que derramou o seu sangue verdadeiro –pois a verdade não nos libertaria se ele tivesse dado por nós um preço falso–, quem confessa uma e outra coisa é Católico. Esse tem uma pátria e tem um caminho. Tem uma pátria: *No princípio era o Verbo; Sendo de condição divina, não considerou uma apropriação o ser igual a Deus*. Tem um caminho: *O Verbo fez-se carne; Aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo*. Ele próprio é a pátria para onde vamos e é também o caminho por onde vamos. Vamos então por ele e para ele e não nos perderemos» (*Habet patriam, habet viam. Habet patriam: In principio erat Verbum; habet patriam: Cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est, esse aequalis Deo. Habet viam: Verbum caro factum est: habet viam: Semetipsum, exinanivit formam servi accipiens. Ipse est patria quo imus, ipse via qua imus. Per ipsum ad ipsum eamus, et non errabimus*)» (*Sermão* 92,3).

8 Cf. *Contra Academicos*, III,20,43.

Faltava-lhe operar a síntese entre as duas dimensões (a humana, como *via* e a divina, como *patria*) de Jesus para repousar definitivamente na fé católica. Tal passo decisivo não tinha a ver apenas com uma adesão intelectual à ortodoxia, mas está associado a uma conversão de vida ou de atitude espiritual e existencial: requeria-lhe a superação do espírito orgulhoso (identificado com a procura meramente racional) pelo espírito de humildade. Isto é, havia que seguir o caminho da condescendência do Verbo que assumiu a nossa condição. Faltava-lhe perceber e assumir a nova perspectiva de abordagem de Deus e da Verdade. Tal perspectiva coincidia com o referido método (caminho) da *via humilitatis*.

Mas a Cristo só se pode aceder, como aprendera de Ambrósio, através da Igreja. Há, por isso que acreditar no que diz sua mãe Mônica e os Pais da Igreja, como Ambrósio, bispo de Milão, outra “amizade” decisiva no percurso de Agostinho.

O próprio lamenta não ter reconhecido o mistério do Verbo feito carne, em termos teológicos, isto é, nos moldes em que Cristo era ensinado na fé da Igreja. Por isso procurava o *caminho* que não encontrou enquanto não “abraçou o *Mediador*” e a *Via* da humildade que é Jesus Cristo (*Conf.* VII,18,24; X, 43,68).

Esta conversão de atitude coincide com a passagem dos “Livros platônicos” à Escritura, sobretudo S. Paulo (VII,20,26), com a consequente crise provocada pelo esvaziamento da “ciência que incha” e a passagem “da presunção à confissão”:

«Mas então, lidos aqueles livros dos Platônicos, e depois de por eles ter sido levado a procurar a verdade incorpórea, vi e compreendi as tuas coisas invisíveis por meio daquelas que foram feitas... Conversava muito, como se fosse perito, e, se não procurasse o teu caminho em Cristo (*viam tuam quaerere*), nosso Salvador, não seria perito, mas pereceria. Na verdade, já começava a querer parecer sábio, cheio do meu castigo, e não chorava, e inchava-me com a ciência, acima de toda a medida. Onde estava, pois, aquela *caridade que edifica* (1 Cor 8,1) a partir do alicerce da humildade, *que é Jesus Cristo?* (1 Cor 3,11). Ou quando é que aqueles livros ma ensinariam? Creio que tu quiseste que eu deparasse com eles, antes de meditar sobre as tuas Escrituras, a fim de que ficasse gravado na minha memória de que modo fui afec-

tado por eles, e de que, quando mais tarde encontrei o apaziguamento nos teus Livros, e as minhas feridas foram tocadas pelos teus dedos, que as curaram, discernisse e distinguisse que diferença havia entre presunção e confissão, entre os que vêm para onde se deve ir e não vêm por onde, e o caminho que conduz à pátria bem aventurada, não apenas para a contemplar, mas também para a habitar (*et viam ducentem ad beatificam patriam non tantum cernendam sed et habitandam*)» (Conf. VII,20,26).

A longa citação justifica-se pela síntese e prova magnífica que nela nos é dada do cristocentrismo da sua conversão (e, podemos dizer, de todo o pensamento agostiniano). Depois de ter encontrado “o Caminho”, Agostinho confronta agora a busca filosófica com a humildade de Cristo, a *Via humilitatis* revelada nas Escrituras, para denunciar a diferença: “Uma coisa é ver a pátria da paz” e anelar por ela (platonismo), outra coisa é “encontrar o caminho até ela e seguir o caminho que aí conduz” (fé em Cristo):

«Uma coisa é ver, do cimo de um monte frondoso, a pátria da paz, e não encontrar o caminho até ela, e esforçar-se, em vão, por lugares ínvios..., outra coisa é seguir o caminho que aí conduz, protegido pelo cuidado do seu celeste governante, onde aqueles que abandonaram a milícia celeste não fazem assaltos, pois o evitam como a um suplício (*Et aliud est de silvestri cacumine videre patriam pacis et iter ad eam non invenire et frustra conari per invia circum... et aliud tenere viam illuc ducentem cura caelestis imperatoris munitam, ubi non latrocinantur qui caelestem militiam deseruerunt; vitant enim eam sicut supplicium*)» (Conf. VII, 21,27).

Mais que “platónico”, o Hiponense foi e será sempre “cristão”, ainda que em momentos e com acentos diversos.

O filho de Mónica recuperara a fé e o cominho, no Salvador, mas faltavam-lhe as energias necessárias para percorrer a “estrada estreita” de Cristo. Levado pelo desejo de mudar de vida, decide procurar Ambrósio e o velhinho presbítero, Simpliciano, que o ajudarão nesta passagem existencial da soberba dos filósofos à humildade de Cristo:

«Quanto à minha vida temporal, tudo vacilava e o meu coração precisava de ser limpo do velho fermento; e agradava-me o caminho, que é o próprio Salvador, mas ainda me custava seguir através das suas estreitas veredas (*placebat via ipse Salvator et ire per eius angustias adhuc pigebat*). E inspiraste à minha alma e pareceu bem a meus olhos dirigir-me a Simpliciano, que se me afigurava bom servo teu e nele resplandecia a tua graça... Por isso, confidenciando-lhe eu as minhas inquietações, queria que ele me mostrasse qual era o modo adequado a uma pessoa, assim perturbada como eu estava, para andar no teu caminho (*ad ambulandum in via tua*)» (*Conf. VIII,1,1*).

Quando, em agosto de 386, Agostinho, respondendo às ordens da misteriosa voz que ecoou no jardim da sua residência temporária de Milão: “*tolle, lege*” (*Conf. VIII,12,29*), abre a Escritura, eis a página decisiva na sua conversão: «*Nem em comezainas e bebedeiras, nem em libertinagens e dissoluções, nem em rivalidades e invejas, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne na concupiscência* (Rm 13,13-14)».

Não precisou de ler mais. Decididamente inicia o caminho de preparação para se “revestir de Cristo”, recebendo o batismo. Na noite pascal de 24 para 25 de abril de 387, é batizado, na presença da mãe e juntamente com seu filho Adeodato, pelas mãos de Ambrósio, em nome do «Mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo..., o Verbo que se fez carne, para que a sua Sabedoria se tornasse o leite para a nossa infância» (*Conf. VII,18,24*). O filho de Mônica que, em criança, recebera, com o leite materno, as primeiras sementes do Verbo, assume agora um novo nascimento para se nutrir do “leite-sabedoria” do próprio Verbo. Mais tarde *confessará que sua mãe o gerou duas vezes*: «Não consigo exprimir quantas dores para dar-me à luz em espírito, bem maiores que aquelas nas quais me deu à luz segundo a carne» (*Conf. V,9,16*).

O trajeto espiritual de S. Agostinho coincide com a descoberta e confirmação progressiva desta convicção: o homem não se pode entender nem realizar plenamente sem Deus. Pelo facto de ser criatura de Deus (*fecisti nos...*) e pelo destino inscrito no mais profundo do ser (... *ad te*), todo o homem, esse pequeno grande ser, está balanceado

para a plenitude divina. Mas nunca lá chegará sem a *mediação* do Verbo, ou da Verdade feita carne.

O Verbo encarnado, enquanto *Mediador* e *Via* constitui, pois, o cerne de todo o mistério divino e humano, e a chave de sucesso de todas as bucas dos corações inquietos. Assim como, no homem, o corpo é o meio ou via para o espírito (e, ao mesmo tempo, um obstáculo, na visão de Agostinho), também a corporeidade humana de Cristo é o *Caminho* para Deus=Ser. No *De civitate Dei*, o pastor de Hipona resume todo o seu pensamento neste passo:

Hic est enim mediator Dei et hominum, homo Christus Iesus. Per hoc enim mediator, per quod homo, per hoc et via. Quoniam si inter eum qui tendit et illud quo tendit, via media est, spes est perveniendi; si autem desit, aut ignoretur qua eundum sit, quid prodest nosse quo eundum sit? Sola est autem adversus omnes errores via munitissima, ut idem ipse sit Deus et homo; quo itur Deus, qua itur homo.

«Ele é o mediador entre Deus e os homens, o Homem Jesus Cristo; porque Ele é *Mediador* enquanto é homem e também enquanto é o *Caminho*. Se, na verdade, há um caminho entre aquele que caminha e o fim para onde ele caminha, há esperança de lá chegar; mas se falta o caminho ou se se desconhece a via por onde caminhar, para que serve conhecer a meta à qual se pretende chegar? Ora para evitar todos os erros, não há senão um caminho absolutamente seguro: que o mesmo Ser seja Deus e Homem: Deus, o fim para onde se caminha, o Homem o meio por onde ali chegar»⁹.

«*Si autem desit, aut ignoretur qua eundum sit, quid prodest nosse quo eundum sit?*» Esta é a pergunta fundamental que já tem resposta na vida do Hiponense e que distingue a sua “conversão” das introversões e outras mudanças de rumo que também estiveram presentes na sua trajetória, ou drama existencial em vários atos.

Concluímos, assim, constatando que a tão discutida “conversão” ou “conversões” de S. Agostinho só se compreendem cabalmente a

9 *De civitate Dei*, XI,2.

partir do elemento condutor e unificante que configura toda a vida do filho de Mônica que de sua mãe recebeu tudo o que, mais tarde, veio a recuperar e a abraçar com toda a inteligência e coração. Efetivamente, o percurso inquieto do Doutor da graça só se explica, conforme o próprio nos confessa, como um caminho para a pátria identificada com Cristo. Essa pátria já estava, contudo, presente como “via”, desde que o sempre “cristão” Agostinho recebeu “com o leite de sua mãe” o *Nome* de Jesus.

ISIDRO PEREIRA LAMELAS, OFM